

## Katha e Chandogya Upanishadas

### Videoaula 3

#### Katha Upanishat

a Katha Upanishat (composta entre 1400 e 1200 a.e.c.) recebe esse nome em referência à escola Katha, à qual está vinculada, da tradição do Yajur Veda Negro.

Essa upanishat é possivelmente a mais antiga referência ao yoga identificado com o nome “yoga”, e que é descrito por ela nos seguintes termos: *“quando os cinco sentidos se assentam junto com a mente, e a inteligência já não se expressa, a isso chamam ‘o movimento supremo’. Isso é o que acreditam ser o yoga: a sustentação (dharana) firme dos sentidos. Atento, então, se torna (o yogui). O yoga de fato é a fonte e a desembocadura<sup>1</sup>”*. Observe que a condição identificada pelo termo “yoga” é entendida aqui como uma condição de estabilidade original (a fonte de onde surgimos), que foi perdida, para a qual precisamos retornar (a desembocadura). Daí surge a necessidade de procurar por alguma estabilidade – que, neste exemplo, é oferecida pelo assentamento dos sentidos e da mente.

A mente e os sentidos são vistos, nas upanishadas, como causadores de agitação dentro de nós. Isto pode trazer consequências desconfortáveis, pois essa agitação se transfere diretamente para o corpo e para o comportamento da pessoa, que torna-se instável e incoerente. É preciso, portanto, dar a eles um comandante que, agindo com firmeza, proteja o corpo dessa agitação. É a própria Katha Upanishat que afirma: *“A cidade de onze portas (o corpo) pertence a um comandante cuja inteligência não está distorcida. Tendo governado, ele não sofre e é livre. Foi libertado. Este (comandante) é Brahma, de fato<sup>2</sup>”*. A palavra sânscrita usada neste texto para se referir a Brahma é “tat” (“aquilo”), que expressa o supremo “eu” do Universo.

---

<sup>1</sup> Katha Upanishat, adhyaya 2, valli 3, 10-11

<sup>2</sup> Katha Upanishat, adhyaya 2, valli 2, 1

### **Chandogya Upanishat e as upasanas (1400 – 1200 a.e.c.)**

A escola original desta upanishat é o ramo Tavalkara do Sama Veda (o mesmo da Kena upanishat). Seu nome se refere a Chanda (verso), atribuindo sua origem a um verbo que significa ocultar. Ela trabalha com sentidos ocultos para as suas reflexões, chamadas upasanas.

A Chandogya upanishat procura apresentar sentidos ocultos para elementos do ritual e para conceitos comuns do pensamento védico através dessas reflexões meditativas, as upasanas - cujo objetivo é estimular a intuição do meditador. Para o yoga, a intuição é condição indispensável para o desabrochar do discernimento.

#### Exemplo de upasana

Esta terra é a essência (*rasa*) das criaturas.

A essência da terra é a água.

A essência da água são os vegetais.

A essência dos vegetais é o homem.

A essência do homem é a fala (*vach*).

A essência da fala é o Rig (revelação).

A essência do Rig é o Saman (o canto).

A essência do Saman é o Udgitha (o OM).

(Chandogya, 1,1,2)

#### Outro exemplo

Então o (fogo) doméstico declarou para ele:

*aquele que é "Terra, fogo, alimento e Aditya (sol)"*

*este é o homem que é visto em Aditya (sol)*

*ele sou eu, ele mesmo sou eu*

(Chandogya, 4,11,1)

Nestes exemplos vemos a mente caminhar do concreto para o abstrato (às vezes as upasanas percorrem o caminho inverso, também, do abstrato para o concreto). Vemos também a construção de uma linguagem simbólica que antecipa o pensamento do yoga, em que o homem é visto com seus diversos aspectos (terra-corpo, fogo-consciência, alimento-conhecimento e sol-espírito-coração) integrados na forma do eu residente no coração.